

LAÇOS E ENLACES:
A família na África de Amkoullel, o menino fula

Allisson Esdras Fernandes de Oliveira
*Eumara Maciel dos Santos***

RESUMO: Neste artigo, tem-se como objetivo traçar uma linha de estudo sobre o grande valor dos laços da família malinesa a partir dos relatos autobiográficos de *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampâté Bâ atentando para a perspectiva antropológica do conceito de família. Para os *fula*, o parentesco envolvia muito mais que a consanguinidade, eram elos construídos no manifestar dos relacionamentos, nas coletividades, envolvendo uma conotação mais alargada, haja vista que a família é o elemento base da estabilidade de sociedades do Mali. Confrontaram-se as narrativas de Bâ (2003) com os pressupostos teóricos que versam sobre os conceitos de família: as idéias de Foucault (1991), Hoebel e Frost (2006), Minuchin (1990), Miotto (1997), Skynner (1976) entre outros.

Palavras-chave: Literatura malinesa. Cultura. Família malinesa.

ABSTRACT: The aim of this paper is to develop a line of study on the high value assigned to Malian family ties based on the autobiographical accounts in *Amkoullel, o menino fula* (*Amkoullel the Fulani boy*), by Amadou Hampâté Bâ, focusing on the anthropological perspective of the concept of family. For the Fula people, family relations involved much more than blood ties. They were links built up through the expression of relationships in communities that involved a broader connotation, given that the family is the basis of social stability in Mali. I compare Bâ's narratives (2003) with theoretical assumptions that deal with the concepts of family: the ideas of Foucault (1991), Hoebel and Frost (2006), Minuchin (1990), Miotto (1997) and Skynner (1976) among others.

Key-words: Malian literature. Culture. Malian family.

RESUMEN: En este artículo hemos tratado de trazar una línea de estudio sobre el gran valor de los lazos familiares de los malienses relatos autobiográficos de *Amkoullel, lo niño fulani* de Amadou Ba Hampâté prestar atención a la perspectiva antropológica del concepto de familia. Por los *fulani*, la relación que participan mucho más que la endogamia, se construyeron en los enlasesmuestran las relaciones de las comunidades, involucrando a una connotación más amplia, dado que la familia es la base de la estabilidad de las sociedades de Malí. Narraciones se enfrentaron Bâ (2003) con los supuestos teóricos que se ocupan de los conceptos de familia: las ideas de Foucault (1991), Hoebel y Frost (2006), Minuchin (1990), Miotto (1997), Skynner(1976) entre otros.

Palabras clave: Literatura de Malí. La cultura. Familia de Malí.

** Graduandos do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus Universitário Professor Gedival Sousa Andrade, DCHT XXIV, Xique-Xique.
E-mails: allissonesdras@gmail.com; eumaramaciel@hotmail.com.

No cenário da África Subsaariana, surge a figura de Amkoullel: o menino malinês que dá vida à autobiografia de Amadou Hampaté Ba quando são lidas as páginas que reúnem histórias e memórias infanto-juvenis de um *fula* em meio a sua numerosa e grandiosa família.

A tessitura da família malinesa retratada em *Amkoullel, o menino fula* evoca seus ancestrais, não como mortos, mas como energia que pulsa e que continua a viver em cada um dos *fula*, assim como afirma Bâ (2003, p. 23): “Na África tradicional, o indivíduo é inseparável de sua linhagem, que continua a viver através dele e da qual ele é apenas um prolongamento.” Dessa maneira, a família não se limita aos laços consanguíneos, mas enlaça toda história de vida tanto do parentesco quanto dos que mais cheguem e que vão se unindo ao seio familiar.

O pulsar deste estudo consiste na estrutura familiar malinesa a partir da obra autobiográfica *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampaté Ba. Para corroborar este estudo conta-se com os pressupostos teóricos de Engels (1997), Foucault (1991), Hoebel e Frost (2006), Minuchin (1990), Miotto (1997), Skynner (1976), entre outros que contemplam alguns aspectos do tema.

Faz-se necessária uma viagem pela perspectiva antropológica da família para refletir sobre o entremear dos laços familiares em *Amkoullel, o menino fula*. Historicamente, a família seria um agrupamento de pessoas, formando, basicamente, a família-natal-conjugal (pai, mãe e prole). Tal família possuía algumas funções, tais como: a sexual, a reprodutiva, a econômica e a educacional. No modelo de família dos *fula* são traçadas linhas divergentes do arquétipo construído pela imagem de família nuclear.

Na África, com enfoque no Mali (vide Figura 1), na sociedade dos *fula*¹, o clã da família se constituiu de forma diferenciada do modelo ocidental, haja vista que a matriz familiar delineia-se de forma complexa, ao passo que o poder de constituição e extensão dos elos que unem a agnação firmam-se, seguindo uma linhagem que não precisa estar diretamente arraigada aos laços consanguíneos. A ligação do malinês à sua família era sagrada já que “Na África tradicional, o indivíduo é inseparável de sua linhagem, que continua a viver através dele e da qual ele é apenas um prolongamento.” (Bâ, 2003, p.23).

¹ “[...] povo de pastores nômades que conduziu seus rebanhos através de toda a África savânica ao sul do Saara, entre os Oceanos Atlântico e Índico durante milênios (conforme testemunho de pinturas rupestres da região)”. (Bâ, 2003, p.24)



Figura 1. Mali e de Bandiagara na África.

Fonte: BÂ, 2003, p. 18.

Iniciado com o título *Raízes* o primeiro capítulo do livro de Bâ relata, com detalhes ricos e minuciosos, a trajetória de sua família e seu respectivo valor:

Assim, seria impensável para o velho africano que sou, nascido na aurora deste século na aldeia de Bandiagara, no Mali, iniciar o relato de minha vida pessoal sem evocar primeiro, ainda que seja para situá-las, minhas duas linhagens, a paterna e a materna. (BÂ, 2003, p. 23)

Em *Amkoullel, o menino fula*, obra resultante das lembranças de Amadou Hampâté Bâ, na sua juventude em Bandiagara², expõem-se traços marcantes sobre o modelo estrutural familiar que é comum aos integrantes da sua etnia.

É na África de Amkoullel que, na poliginia, conforme prega o islamismo, religião dos *fula*, o marido tem mais que uma esposa. Dentre as suas cônjuges, uma delas, geralmente a primeira, exerce função da matriarca, figura louvável africana, semi-deusa. Unem-se, então, fatos tão divergentes que são a poliginia e o matriarcado, num singular equilíbrio que revela o valor de tal matriz cultural africana: a peculiar harmonia da família. Em prol dessa harmonia, Bâ foi adotado pelo padrasto:

Assim que o casamento foi concluído, o primeiro ato de Tidjani, a quem suas esposas não haviam dado filho, foi me adotar oficialmente. Fez com que me incluíssem no formulário da administração francesa de informações a seu respeito como seu "primeiro filho" e portanto eventual sucessor. (BÂ, 2003, p. 60)

A visão de tal formação familiar exhibe como a sociedade malinesa se organiza em suas células, ao montar seus ideais e fundir suas matrizes, estabelecendo um universo social, em que a função de cada membro da comunidade está voltada para o desenvolvimento coletivo. O padrão familiar malinês possivelmente constitui-se muito mais abrangente em relação a outras civilizações. Cabe aqui fazer menção à questão da extensão do parentesco trazida por Hoebel e Frost (2006), em que a família natal-conjugal:

[...] embora seja o viveiro da sociedade, está sempre encaixada dentro de uma série mais vasta de grupos de parentesco. São os parentes por afinidade, a ramificação, a linhagem, o clã, a fratria, e a metade tribal. (HOEBEL e FROST, 2006, p. 222).

Da mesma maneira, percebe-se que o conceito de família diferenciado também aparece em Bâ, pois, para os *fulas*, essa composição tem uma conotação com uma maior abrangência, maior participação dos componentes, em relação ao vínculo afetivo, um laço, uma afinidade eletiva, assim como retrata em sua obra: "(...) o verdadeiro amigo não era 'outro'; ele era nós mesmos, e sua palavra era nossa palavra. A amizade verdadeira era colocada acima do parentesco." (BÂ, 2003, p. 50)

² Uma grande planície em forma de bacia, chamada *Bannya'ara* "a grande tigela" (...). Este é o lugar onde Tidjani fundaria mais tarde chamado de *Bannyagara* (...) transcrito mais tarde num registro por um funcionário francês como Banndiagara, conservaria este nome. (BÂ, 2003, p.30)

Percebe-se que a filiação, nos relatos de Bâ, está agregada a outros graus de parentescos, em que a ordem hierárquica não se limitava à família natal-conjugal, estende-se, atribuindo a responsabilidade da educação dos filhos como encargo de todos os membros do elo familiar. Skynner (1978), em consonância com esse contexto, diz que

A instituição da família está numa posição peculiarmente central e decisiva. Tem o lado interno voltado para o indivíduo, o externo para a sociedade, e prepara cada membro para ocupar seu lugar no grupo social mais vasto, ajudando-o a interiorizar os valores e as tradições deste grupo. Do primeiro choro ao nascer, às últimas palavras, ao morrer, a família rodeia-nos e encontra um lugar para todas as idades, papéis e relações de ambos os sexos (SKYNNER, p. 09, 1976).

Uma das preparações rituais que a família *fula* se incube de conduzir são os atos iniciáticos, tais como a excisão e a circuncisão³, imbuídos de uma natureza social, revelando que o aprender ocorre diariamente, nas vivências, nas relações familiares. Esses aspectos geram o amadurecimento e o aprendizado de forma contínua, assim como pontua Bâ (2003), ao descrever a cerimônia de iniciação pelo qual passou: sua particular circuncisão apoiada por parentes “além-sangue”:

Cheguei pontualmente. Minha prima mandara fazer um bubu e um barrete no formato de cabeça de caimão, roupa tradicional dos circunscritos. A operação ocorreu sem problemas, pelo menos na hora. Um amigo de nossa família (portanto, meu “pai” segundo a tradição), Abdallah, encarregou-se de ir em pessoa a Kati avisar meus pais que eu tinha realizado a circuncisão por minha conta. (BÂ, 2003, p. 294)

Nas rodas sociais malinesas de matriz tradicional, existe uma grande responsabilidade com a educação dos indivíduos. O enlaçar do saber está diretamente ligado às relações familiares em que o jovem africano encontra-se inserido. É como diretamente se estabelece esse processo de formação, já que o molde para o aprendizado está no cerne de sua origem: na família. Esta é responsável pela formação de cada sujeito, tal qual assegura as comparações de Lacan:

A importância da primeira educação é tão grande na formação da pessoa que podemos compará-la ao alicerce da construção de uma casa. Depois, ao longo da sua vida, virão novas experiências que continuarão a construir a casa/indivíduo, relativizando o poder da família. (LACAN, 1987, p.92).

³ Processos iniciáticos que consistem na retirada do prepúcio ou clitóris como símbolo de aliança, rito de passagem da fase infantil para a juvenil. Na conjectura muçulmana representa maiores responsabilidades. (disponível em www.historiaviva/circuncisao_a_tradicao_do_corte.html)

A formação do elo familiar é de importância vital para as sociedades por se encontrar em todos os agrupamentos humanos, embora variem as estruturas e o funcionamento. Entretanto, a conotação de família para a etnia *fula* ramifica-se e faz germinar um conceito mais vasto para tais elos. Um indivíduo em África não se reconhece sem sua família, não tem nome, não existe, falta-lhe uma identidade, é como tentar reproduzir um rebanho apenas por uma ovelha ou cultivar um pomar com apenas um fruto.

Não há um indivíduo separado, cada ramificação pertence a uma só raiz⁴: a família. Quando um jovem africano vai se casar, não se casa somente com as mulheres, mas com sua família, e o mesmo ocorre com a cônjuge. Em caso da iminência de um divórcio, a família intervém, não é um corte na união do casal, ao contrário, cabe a todos de uma família entender e resolver. No julgamento popular, o casal nada diz, nada responde, a família é quem fala por seus nomes, quem os defende, protege sua honra, assim como observa Bâ:

O irmão, o pai ou a mãe podiam "divorciar" um homem em sua ausência e em geral o interessado inclinava-se, aceitando. Não se pode dizer que fosse um costume, pois não era fato muito freqüente, mas quando acontecia era aceito, porque não se tomava uma decisão dessas levemente. (BÂ, 2003, p. 50)

O menino *fula* conheceu bem os laços familiares, entendeu a constituição familiar que pertencia e o dever que tinha para com todos. Não estava só, muito pelo contrário, vivia em uma comunidade onde as funções — patriarcais, matriarcais, ou senis — estruturavam-se e exerciam seus papéis sem autoritarismo, não interferindo na autonomia um do outro, gerando, assim, uma estrutura familiar afável, como ressaltar Mito:

(...) embora compartilhando da idéia de que a família não é um grupo natural, naturaliza as suas relações e com isso trabalha com estereótipos do ser pai, ser mãe, ser filho. Esquecem-se que a dinâmica relacional estabelecida em cada família não é dada, mas é construída a partir de sua história e de negociações cotidianas que ocorrem internamente entre seus membros e externamente com o meio social mais amplo (MIOTO, 1997, p. 117)

A cultura genealógica retratada na obra evidencia um aspecto funcional na vivência das relações familiares existentes: é comum um tio, ou um parente de um outro grau, intervir nas rotinas diárias. Afinal, para os africanos, de maneira geral, os tios maternos têm mais poder que os pais. Isso porque a paternidade é uma coisa incerta, e a autoridade masculina é transferida para o irmão da mãe conforme a matriarcalidade.

⁴ Princípio, germe. Disponível em <http://www.priberam.pt>.

O senso de família não agrega somente os pais e sua prole, mas todos os parentes que constituem a família formam uma comunidade, convergem na formação de uma sociedade. Não há uma família solitária, há sempre um numeroso grupo constituindo uma linhagem, deixando uma marca, construindo um legado: "A família é uma unidade social que enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento. Estas diferem junto com parâmetros de diferenças culturais [...]" (MINUCHIN, 1990, p.25).

Dos recortes autobiográficos, da fragmentação do universo de Amkoullél no delinear de sua família, cada ponto encontra um outro ponto, como se formassem uma tecedura natural, com suas matizes diferenciadas, somando-se harmonicamente, para ressignificar, com a escrita, a história de uma nação.

Na sincronia dos sentidos negro-africanos, os *fula* cursam seu espaço, constituem o alicerce da família. O senso familiar é o ponto de referência para os povos de raízes tradicionais. Esse elo comunitário faz-se sagrado, pois está aramado de ritos, símbolos, convergências. Todos exercem funções, cada representante possui seu papel.

Amadou Hampanté Bâ faz ressoar essas características da família nas suas narrativas, ao mostrar como se fortalecia a união dos vários povos que fizeram parte do seu convívio durante a sua infância. Tamanha era essa cumplicidade que as "tribos" cultivavam com os seus parentes, que, mesmo após a morte, esses não se desvinculam dos seus, não podam a continuação do tronco da vida. Os *fulas* entendiam que, além desta vida, há uma outra, na qual descansam os antepassados que tanto contribuíram para o fortalecimento da ramificação familiar. Esse, portanto, é um sentido mais amplo de comunidade.

Amadou evidencia, em sua narrativa, as relações sociais, as vivências *fulas*, apontando como ocorrem essas manifestações familiares. Na África retratada pelo autor, notam-se diversas relações de poder que se estabelecem sob o teto familiar africano. Bâ lança luzes às ordens e leis da casa malinesa, tais instantes fortificam a posição de voz que cada membro possui dentro do espaço familiar.

A cultura malinesa traz arraigados consigo valores próprios da cultura e de formação do povo, conjecturas que traçam o verdadeiro valor da família do Mali, não pondo uma constituição de autoridade abaixo da outra, mas exibindo a mobilidade hierárquica. Amkoullél, ao fazer menção ao seu mestre espiritual Tierno Bokar, grande sábio de Bandiagara, toma-o por vezes como pai:

Tierno Bokar, que tinha cuidado de mim em meus primeiros anos, representava tanto um pai quanto um mestre, mas naquela época na verdade eu estava mais interessado em brincar com meus pequenos companheiros do que na escola e nos estudos (...). (BÂ, 2003, p.160)

Somada a essa consideração, rememora também a forte voz do matricentrismo, a voz feminina que não se cala ou se aquieta, mas se faz latente e não é posta em detrimento da figura patriarcal. Expõe a figura senil, o ancião, este que é detentor das histórias e memórias *fula*, ao qual cabe passar a herança cultural para o seu povo.

Entender essas relações familiares é compreender que não há um poder, existe uma série de múltiplas relações que se estabelecem formando o legado da família, e essas não atropelam uma ordem sobre a outra, cada uma possui espaço e direito, mantendo seu valor, fazendo ressoar, assim, toda a sabedoria que está imbuída nela. Um ponto comum entre o relato de Bâ pode ser analisado no estudo de Foucault (1991) quando pontua:

(...) o poder é algo que não existe. Isto é, a idéia de que está em um local determinado, ou emanando de um ponto determinado, algo que seja um poder me parece que repousa sobre uma análise limitada e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. O poder, na verdade, são relações, um conjunto aberto, mais ou menos coordenado, de relações (FOUCAULT, 1991, p. 132).

Na autobiografia revela-se essa diluição do poder que se vê dividido entre: os anciões, os cônjuges, os filhos; bem como transferido entre os diversos membros que compõem a acolhedora família malinesa.

No Mali, a constituição da comunidade está além do simples agrupamento descendente e ascendente ligado a uma ordem social ou de valores comuns. É no seio familiar que são mantidas e preservadas as heranças e tradições culturais africanas. A legitimação dos *fula* se dá por meio do contato com as raízes familiares, sua história, a continuidade, o cerne. Esses se manifestam, somam-se para a construção da identidade dessa etnia, revelando uma organização baseada em um processo que não finda, mas estende-se no sangue e no ombro amigo de cada indivíduo para representar as gerações.

A heterogeneidade sempre esteve presente nas tradições culturais africanas, as ligações que geram esses vínculos encontram-se latentes, na constituição das múltiplas nações existentes, na diversidade lingüística, no transcorrer da história, no desejo da gênese familiar, que traz consigo o entremear das raízes, gerando um legado memorial onde todos os membros da família dele tomam parte.

A família, na África de Amkoullel, é como o horizonte que, quando tocado pelo nascer do sol, espalha-se e ilumina-se com seus raios, formando um clã. É o nascer de toda uma nação que traz consigo, tão vivos, os sinais dos tempos. Sua família e seu brasão são a sua coragem, e essa marca de família acolhe quantos mais chegarem.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. Tradução: Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena, 2003.

CHEBEL, Malek. *História viva*. Disponível em www.historiaviva/circuncisao_a_tradicao_do_corte.html, acesso em 12/02/2010, às 04: 00h.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=raiz>, acesso em 11/02/2010, às 14:00h.

ENGELS, Frederich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Tradução: Leandro Konder. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Saber y verdad*. Madrid: La Piqueta, 1991.

HOEBEL, E. Adamson, FROST, Everett L. *Antropologia cultural e social*. Tradução: Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 2006.

LABURTHE-TOLRA, Philipe; WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia – Antropologia*. Tradução: Anna Hartmann Cavalcanti. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Tradução: Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MINUCHIN, Salvador. *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MIOTO, Regina Célia Tamasso (et all) *Família e Serviço Social – contribuições para o debate*. In: *Serviço social e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1997.

SKYNNER, A.C.R. *Pessoas separadas: um só corpo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976